

FLORILÉGIOS DO “MINEIRÊS”¹

José Antônio de Ávila Sacramento

Ao tio João Braz de Carvalho², *in memoriam*.

Há algum tempo venho pensando na organização de uma coletânea que contenha o modo típico de falar do mineiro, um “dialeto” da Língua Portuguesa que era (ainda é) bastante usado na zona rural, de onde sou oriundo. Essa necessária coletânea seria uma espécie de compilação de vocábulos que se perdem ou já se perderam e fizeram com que o linguajar dos mineiros de zonas rurais fosse dotado de características bastante interessantes.

A linguagem que se desenvolveu no interior do Brasil, especialmente nos sertões de Minas Gerais, cresceu erma e um tanto quanto “distante da civilização”, tendendo, portanto, aos poucos, a se moldar e a perder as influências diretas da sua matriz. O tipo do português falado nas áreas rurais mineiras distanciou-se da norma culta da língua. Daí resultou um jeito próprio de falar. Dizem que o fenômeno também ocorreu em outros idiomas e pode ser percebido na Língua Inglesa, “nas terras centrais das Midlands, aonde alguém, ao ouvir o Inglês de York Sure, por exemplo, pode imaginar que está em algum país da Europa Central. Assim aconteceu com os mineiros [especialmente com aqueles que viviam na roça]: engoliram letras, aglutinaram palavras, criaram inflexões estranhas e gírias locais. A partir daí as frases ganharam economia e sonoridade, e para alguns, claro, incompreensibilidade”.

Só sabe falar bem o “mineirês” quem é mineiro. No entanto, acredita-se que uma das marcas registradas dos mineiros nos foi legada pela Inglaterra, quando “no governo de Pedro II, no período do expansionismo ferroviário brasileiro e com a Inglaterra presente na implantação dos trens em Minas Gerais, o interrogativo “Why?” passou a ser falado como “Uai”. Mais um legado anglo-saxão é a palavra “train” que passou a figurar como “trem”, ou seja, uma porção de coisas, um amontoado delas” ou até mesmo um cisco (vide *trem de ferro*, *trem doido*, *os trem lá de casa* [os móveis], *caiu um trem* [um cisco] *no meu olho...*). Essa mania de “trem” povoa tanto a cabeça do mineiro que até dizem que ele, quando percebe um “trem de ferro” chegar à estação, fala assim com a esposa: “ô muié pega nossos **trem** aí qui a condução qui vai levá a gente já inveim lá!”.

Na *internet* há uma leva de textos ironizando (exageradamente!) a maneira de falar dos mineiros. Quase sempre circulam mensagens virtuais que demonstram uma parte dessa realidade lingüística e, com muito mais ênfase, o uso debochado do “mineirês”. Vejamos: “*Sapassado taveu na cuzinha tomano uma pincumé e cuzinhano um kidicarne muída cu mastumate pra fazê umacarronada com galinhassada. Quaiscaí de susto, quando vi um baruio vino didenduforno, pareceno um tirdiguerra. A receita mandopô mioidipipoca dentro da galinha prassá. O forno isquentô, misturô tudim e a galinha isprudiu! Nossinhora D’paricida, sô! Fiquei branco quineim um lidilête. Foi um trem doidimais... Quaiscaí de susto, sô! Fiquei semsabê doncovinha, proncoía, oncotava e queimcoéra. Óia procevê quilucura! Mase graçazadeus ninguém*”

¹ Este texto foi publicado originalmente no **Jornal de Minas** – São João del-Rei – MG, Ano VI, Ed. 95, 22 a 29 de fevereiro de 2008, p. 2 – periódico editado e distribuído por Neudon Bosco Barbosa.

² Nascido na Fazenda Boa Mente, Distrito de São Miguel do Cajuru, Município de São João del-Rei. Faleceu em Julho de 2005, na cidade de Colônia/Alemanha. Entendia muito do “dialeto mineirês”!

machucô!". Vejamos também: "Istrudia cumpade Tumé contô qui viu u Zé chegá tardi in casa, tontim qui nem um gambá, moiado até as arma. Aí a Maria num quissabê dicunversá e virô a mão na cara du infiliz. Ele inté qui quis dizê qui tava trabaianu inté mais tardi, mais uns cumpanhêro do sirviço já tinha passado lá preguntanu pur ele. Virgi Santa, o Zé ficô dirrubado i apanhô inté debacho du suvaco. Deu inté no jorná da rádio indagorinhamêmo. Cê num iscutô? Ela inté falô qui vai largá o Zé... Vejamos ainda: "Vô ti passá a receita de côve nu ai e ói: 2 dendi ai, 3 cuié di ói (ô gurdura di porco mêmo), 1 móio di côve, 1 cuié rala di mastumati, 1 cuiézinha di cardipimenta, uns torresmins picado bein piquininim i bein quebradim, aí é só pô sale agosto." Quem se aventura a ler (com a duração, as pausas, as entonações e os ritmos próprios) e depois "traduzir" tudo para o português formal?

O fato é que existe mesmo uma grande quantidade de palavras ou expressões que compõem o tal "dialeto mineirês". Seguem algumas amostras, todas isentas de jocosidade: **Água de chêro**: o mesmo que perfume; **Antonte**: o mesmo que antes de ontem; **Belzonte**: a capital de Minas Gerais; **Benzôdeus**: o mesmo que "Benza, ó Deus"; **Beraba e Berlândia**: duas cidades do Triângulo Mineiro; **Cacunda**: o mesmo que "nas costas"; **Ceção**: nome próprio, Conceição; **Dibadacama**: debaixo da cama; **Difruço**: gripe; **Espiá**: olhar; **Fédazunha**: xingamento equivalente ao f.d.p; **Imbuchá**: pode ser quando a pessoa come e não toma água, aí engasga! Pode ser também quando a "muié" engravida; **Istrudia**: outro dia; **Jizdifora**: cidade minerá "pertin do Ridijanêro"; **Kidicarne**: medida usada na comercialização da carne (quilo de carne), "quinzkidicarne" é o mesmo que uma arroba; **Lidilête**: litro de leite; **Magrelin**: indivíduo muito magro; **Minêrim**: habitante de Minas Gerais; **Némês**: é um "Minêrim quereno qui ocê concordi c'ás idéia dele"; **Nóssinhora**: Nossa Senhora; **Óiqui**: olha aqui, é o mineiro tentando chamar a atenção para alguma coisa; **Ondéquié**: onde é?; **Perrengue**: o mesmo que doente, "o Zé tá mêi perrengado"; **Pópôpó?**: pergunta do mineiro ajudando a "patroa" a coar café; **Quiném**: advérbio de comparação, "é bunita quiném a mãe!"; **Remedá**: imitar a alguém; **Sapassado**: sábado passado; **Sô**: sempre usado no fim frase, "cuidado aí, sô!"; **Sunga**: levanta, aumenta; **Tutu**: mistura de "farín di manjioca ô mio cu feijão massadim e uns temperim de fôia lá da horta. É bão dimais da conta, sô!"; **Ti**: o irmão do pai ou da mãe (Ti Mário); **Uai**: Corresponde ao "ué", dos paulistas; melhor definição: "Uai é Uai, uai!"; **Varge**: aquela fava verde e rica em fibras. Pode ser também um "lugá nos pé di morro, uma baxadinha chei d'água ondé qui o pessoá pranta arroz" (o mesmo que Várzea); **Vidiprefume**: "É adonde as môça guarda as água de chêro" (vidro de perfume); **Zóios, zunhas e zorêias**: olhos, unhas e orelhas. A lista é extensa, não cabe neste jornal, ainda pode e deve ser muito ampliada...

Existiram, no incunábulo da língua, muitas formas de falar que foram herdadas de Portugal. Uma delas era conhecida na nossa região. Para citar apenas este exemplo, lembro-me que no distrito de São Miguel do Cajuru era comum se falar em "registro" ou "resisto" das escrituras de terras e casas ("Registo" é forma datada de 1381, "Resisto", de 1685 e "Rezisto", do século XVII). Todas as formas, segundo o Houaiss, significam o mesmo que REGISTRO. Quantas vezes, por aquelas bandas eu ouvi a palavra "registro" e achei que a pessoa que a dizia estava equivocadíssima. José de Alencar Ávila Carvalho (1925-2000) gostava de falar sobre o assunto; ele afirmava que dentre os muitos fatores que oferecem grande riqueza à língua falada no Brasil estavam: a derivação do latim, a raiz barroca (herdada dos portugueses), a incorporação de palavras do idioma indígena (Tupi, principalmente) e a formação etimológica popular (a forma simples do linguajar cotidiano, que é alegre, inteligente e renasce diariamente nas bocas brasileiras).

Evanildo Bechara (professor, gramático, filólogo e imortal da ABL) afirmou que “nenhum modo de falar é correto em si mesmo. É correto porque existe, historicamente. Da mesma maneira, nenhum modo de falar é por si mesmo exemplar. É exemplar porque foi eleito, ou por tácita adoção dos falantes, ou pela ação de gramáticos ou academias empenhados na política do idioma e na homogeneidade idiomática. Elege-se a exemplaridade ou o modo exemplar, em nossas comunidades, como o modo de falar das pessoas cultas, por representar o nível mais alto da língua comum. Como a língua comum apresenta ou pode apresentar variedades, a língua exemplar pode desenvolver normas regionais, especialmente nas línguas faladas em vários países. Assim, temos uma norma exemplar para Portugal e outra para o Brasil; entre brasileiros, podemos contar, por exemplo, com uma norma do Rio de Janeiro e outra de São Paulo. A *língua literária* é o registro (conjunto de estilos) mais elevado da língua exemplar” (in: Conferência “A norma culta face à democratização do ensino” - ABL, proferida em 04/07/2000).

O poeta Manuel Bandeira (1886-1968) também chegou a escrever sobre a importância da linguagem popular na formação e no bom entendimento do português (do Brasil): “A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros/ vinha da boca do povo/na língua errada do povo/ língua certa do povo/porque ele é que fala gostoso o português do Brasil/ao passo que nós/o que fazemos/é macaquear/a sintaxe lusíada...” (in: Evocação do Recife - 1925).

Explico para os leitores que eu não sou lingüista de formação e nem de titulação. Não tenho a pretensão de ensinar sobre a Língua Portuguesa, mesmo porque eu ainda sou e sempre serei um aprendiz dela. O que vai escrito é apenas uma pequena tentativa de registrar e comentar a respeito da existência do “dialeto mineirês” (sob a qual nasci, cresci e muito já ouvi falar). Tenho a plena consciência de que é importante dominar as normas cultas da língua e bem conhecer a língua padrão, por isso não prego a dessacralização do nosso cânone gramatical e lingüístico. Mas, apesar disso, creio ser importante não rejeitar e nem esquecer das variações da Língua Portuguesa (as formas da Língua Culta Informal e da Língua Oral Culta) que são importantes como registros de uma época e que se configuram em formidáveis “dialetos” sociais e geográficos.

Então, para bem viver e conviver, acredito que não nos bastaria conhecer apenas uma face da nossa língua, mas todos os aspectos dialetais nela existentes, captando deles a naturalidade, expressividade e colossal criatividade.



João Braz de Carvalho